

EDITORIAL

DOI: <https://doi.org/10.52451/teopraxis.v37i129.5>

A Sacrosanctum Concilium, documento do Concílio Vaticano II que reflete sobre a liturgia, traz duas questões muito importantes e que queremos recordar. A primeira delas retoma a importância da liturgia para a Igreja: “...a Liturgia é o cimo para o qual se dirige a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte donde emana toda a sua força...” (SC 10). A vida da Igreja, portanto, tem sua centralidade na liturgia. Dela emana a força e ela se torna o ponto mais alto da Igreja. No mesmo número encontra-se, também, o que os cristãos, isto é, os batizados, devem fazer na liturgia: “reúnam-se em assembleia, louvem a Deus na Igreja, participem no sacrifício e comam a Ceia do Senhor” (SC 10).

A outra questão importante a encontramos mais adiante quando o documento aprofunda sobre o Mistério da Eucaristia e indica o modo como os cristãos devem se relacionar com Ele. Esta tarefa é atribuída à Igreja: “...a Igreja procura, solícita e cuidadosa, que os cristãos não assistam a este mistério de fé como estranhos ou expectadores mudos, mas participem na ação sagrada, consciente, piedosa e ativamente...” (SC 48). O mesmo parágrafo também indica como se dá esta participação. Para isso é preciso que os cristãos sejam iniciados aos ritos e orações, instruídos pela palavra de Deus, frequentem a mesa e alimentem-se do corpo do Senhor, deem graças e ofereçam sua vida a Deus (Cf. SC 48).

Os dois parágrafos resgatados e colocados em relação nos ajudam a compreender a importância da liturgia para a vida cristã, mas, ao mesmo tempo, indicam que a liturgia somente se realiza de modo pleno e com participação ativa, quando há uma assembleia reunida, iniciada e consciente dos ritos e orações.



Em tempos de pandemia, e com a exigência de manter distanciamento social, a liturgia foi a que mais sofreu consequências. As lideranças político-sociais determinaram o fechamento de tudo (ou quase tudo) para evitar aglomerações e a consequente propagação do vírus; as lideranças religiosas, conscientemente, acataram as decisões e orientaram os padres e responsáveis para fecharem as igrejas e os lugares de culto; consequentemente, os Sacramentos por um bom tempo não foram realizados com as assembleias comunitárias reunidas e os serviços religiosos e pastorais ficaram restritos aos extremamente essenciais.

Diante desta situação nova, abrangente e de difícil compreensão, e até contraditória, houve muita iniciativa e criatividade em propor momentos celebrativos para que o povo de Deus pudesse não se sentir longe de sua comunidade. Algumas iniciativas, porém, não respeitaram os critérios e a compreensão teológica do Concílio Vaticano II. Ao contrário, houve um retorno, em muitas situações, da prática litúrgica pré-conciliar.

A partir destas e de outras questões que foram surgindo, a Revista Teopraxis propôs-se a dedicar um número especial para aprofundar algumas temáticas que envolvem a *Liturgia em tempos de pandemia*. Este número que chega até você leitor quer trazer presente reflexões que envolvem as orações, os cantos, os ritos, o simbólico, as terminologias definidas pelos padres conciliares (Vaticano II), que envolvem as celebrações litúrgicas e que foram afetadas pelo fechamento das Igrejas e pela não participação presencial na liturgia.

Inicialmente temos o texto do padre Ari Antonio dos Reis e do professor Armando De Negri Filho que faz uma relação *das diferentes crises à pandemia da Covid 19: a Humanidade doente e o caminho de cura proposto pelo Papa Francisco*. Com um viés teológico-pastoral, o texto aborda algumas crises da humanidade, principalmente aquelas provocadas pela Covid 19,

e que influenciam a vida humana. Ao mesmo tempo, resgatam as iniciativas de enfrentamento da pandemia, dentre as quais as manifestações públicas do Papa Francisco e suas proposições.

Em seguida, o professor de teologia da liturgia e de espiritualidade litúrgica, em várias faculdades da Itália, Andrea Grillo, reflete *como ser Corpo Místico e Assembleia Litúrgica na pós pandemia*. A partir da fundamentação de documentos oficiais da Igreja o autor aprofunda o sentido dos termos e os relaciona ao contexto que estamos vivendo, sobretudo o de pandemia. De forma provocativa, Grillo resgata alguns parágrafos da Instrução Geral do Missal Romano para mostrar as contradições que iniciativas isoladas provocaram e propõe algumas luzes para as celebrações litúrgicas no pós pandemia.

Trazendo presente algumas observações da experiência da Igreja no Brasil, Dom Heraldo Pinto Farias reflete sobre a *Eucaristia em tempos de pandemia: considerações de um pastor*. O bispo de Bonfim (BA) questiona certas práticas realizadas em algumas paróquias e catedrais, neste tempo de pandemia, que manipularam a Eucaristia e que não condizem com as orientações da Igreja, sobretudo as orientações mais recentes. E propõe a Liturgia das Horas como forma privilegiada de participação no mistério eucarístico.

Aprofundando a reflexão em torno da Eucaristia, os padres Claudir Meotti e Rogério Zanini, aprofundam o tema *Eucaristia: fonte e cume da vida cristã*. No texto, os autores recuperam o sentido das refeições de Jesus relacionando com a refeição eucarística, Sacramento da memória dEle e da partilha comunitária, banquete de vida. Ao mesmo tempo relacionam a Eucaristia ao contexto provocado pela pandemia e recuperam a centralidade dela para os que querem seguir Jesus e colocar sua vida em missão.

O isolamento social provocado pela pandemia comprometeu as celebrações de exéquias. Como provocação, o padre Clair Favreto reflete sobre a *Liturgia das Exéquias em*

tempos de pandemia. O texto aborda a terminologia da Igreja, questiona o modo como a morte é banalizada ou espetacularizada e aprofunda o sentido da morte para o cristão. Pe. Favreto resgata os principais aspectos teológicos da eclesialidade da liturgia exequial, tendo como referência o Ritual das Exéquias, com sua instrução e orações, para aprofundar o sentido da vida centrada naquela de Cristo e que a morte, desta forma, se torna uma experiência pascal plena.

E as orações em tempos de crise, calamidade e pandemia? Quem nos ajuda a aprofundar esta temática é Dom Aloísio Dilli. O bispo de Santa Cruz do Sul resgata o sentido das *orações que o Missal Romano traz para os tempos de calamidade*. E, como membro da Comissão Episcopal para os Textos Litúrgicos (Cetel) da CNBB, Dom Dilli também já nos adianta sobre a nova redação destas orações que estarão na nova edição do Missal Romano. Por fim, nos agracia com a elaboração de uma oração para o contexto de pandemia.

O espaço da celebração em tempos de isolamento social é o que a Ir. Penha Carpanedo aprofunda em seu texto. Sua reflexão tem como referência a casa, lugar seguro, sobretudo em tempos de isolamento social, mas também espaço de eclesialidade, de liturgia, de comunhão. A casa recorda a mesa como lugar sagrado das refeições e, por isso, também lugar privilegiado para se reunir em oração. Aprofundando este aspecto, o texto da Ir. Penha apresenta algumas sugestões de como a liturgia pode ser bem celebrada na casa tornando-se um verdadeiro espaço de Igreja doméstica.

Esta temática tem continuidade com a reflexão do padre Rene Zanandréa. Em seu texto *a oração em tempos de isolamento social*, padre Zanandréa relata algumas experiências de oração pessoal e familiar vividas em casa. O texto busca inspiração nas orações de Jesus para dar indicativos da oração autêntica para a Igreja, sobretudo da Igreja doméstica, e ligadas ao contexto em que as pessoas vivem e iluminadas pela Palavra de Deus,

apresenta algumas inspirações para a oração cristã.

As orações inspiram o canto. Os músicos assessores da CNBB Eurivaldo Ferreira e Frei Telles Ramon aprofundam a temática *Canto e Música Litúrgica: como cultivar uma espiritualidade unificadora em meio aos desafios da pandemia?* Partindo de um resgate histórico da passagem do canto de igreja para o canto litúrgico, os autores questionam como a música litúrgica foi produzida e executada neste tempo de pandemia e de celebrações virtuais. Ao mesmo tempo, nos ajudam a perceber a força que a música litúrgica tem e o importante papel e lugar que ela ocupa na ação litúrgica. Como expressão da fé de uma comunidade, a música litúrgica ajuda a vivenciar o Mistério Pascal quando a comunidade celebra cantando.

Por fim, o professor e pesquisador de comunicação, Moisés Sbardelotto, reflete sobre *o digital e a vivência da fé: (re)descobertas em tempos de pandemia*. Para isso, Sbardelotto resgata alguns pontos que demandam (re)significações no modo de viver e celebrar a fé no ambiente digital. Dentre estes pontos está a concepção das mediações litúrgicas e tecnológicas; a comunicação e a relação que se estabelece por meio da liturgia; a participação e presença de uma comunidade orante; e a comunidade em rede. O texto também aponta alguns desafios para a Igreja relacionados à comunicação, sobretudo à digital.

Os artigos deste número não querem dar respostas prontas, mas nos provocar e nos desafiar a aprofundar as questões ligadas à liturgia que este tempo de pandemia escancarou.

Dr. Pe. Clair Favreto
Ms. Pe. Rene Zanandréa
Organizadores